

## O rei mago de Piratininga

No Museu da Sé, em Viseu, quadro de 1506 de autoria do pintor Jorge Afonso retrata o índio brasileiro na figura de um dos reis magos.

Vinte anos mais tarde, no barco de Jacques Cartier, futuro descobridor do Canadá, Caramuru e sua mulher Paraguaçu são levados para a França onde a índia é batizada com o nome de Catarina, esposa de Cartier.

Nessa época, o capitão Paulmier de Gonneville leva, também para a França, outro índio brasileiro, Essoméricq, que se tornaria chefe de tradicional família da Bretanha, cujos descendentes ainda hoje se orgulham desse ancestral.

Nossos silvícolas podem ser encontrados nos *Ensaio*s de Montaigne, e o Caliban da *Tempestade* de Shakespeare é anagrama de canibal.

Quando cruzo a Praça da Sé tenho sempre pensamento de gratidão para o cacique Tibiriçá, cujos restos mortais repousam na cripta da Catedral. Sem esse antepassado dos paulistas, a cidade não teria sido fundada e eu não estaria ali tecendo estas conjecturas.

Anchieta, numa de suas cartas, chega a afirmar que Tibiriçá é o grande responsável pela fundação de nossa cidade. Graças a ele e a seu genro João Ramalho, os portugueses puderam chegar em paz ao Planalto de Piratininga, onde já devem ter encontrado um arremedo de vila, misto de taba e de burgo, habitado pela família mameluca do patriarca branco.

A metrópole que nasceu do encontro de amor de Bartira e João Ramalho foi batizada pelos jesuítas no dia 25 de janeiro.

Predestinadamente, o nome Ramalho significa ramo decepado da árvore matriz. João foi ramalho que aportou em nosso litoral na alvorada quinhentista.

Natural de Vouzela, Viseu, deve ter chegado no ano de 1506, aproximadamente, quando Jorge Afonso pintava o primeiro índio brasileiro na figura de um rei mago. Esse personagem que se encontra hoje no Museu da Sé, na terra em que nasceu o patriarca dos paulistas, encarna para mim a figura do cacique Tibiriçá, o rei mago que tornou possível a existência de São Paulo de Piratininga.